

O Gaiato

Quinzenário * 22 de Junho de 1985 * Ano XLII — N.º 1077 — Preço 10\$00

PORTE PAGO

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



Nas nossas Casas está bem presente o bem e o mal. A luta quotidiana para o bem. As mesmas quedas todos os dias...

Notas da Quinzena

□ Ao lermos, todos os dias, as inúmeras cartas que nos chegam, sentimo-nos tão pequeninos e confusos! Também muito felizes, é certo. São palavras de estímulo. São exemplos de desprendimento dos bens:

— Enganou-se, minha senhora!

— Não; é assim...

O assim era um milhão e quinhentos mil, em cheque discreto.

Como as nossas mãos não dão de tremer?! São palavras de louvor a Pai Américo e à Obra da Rua. Estas estão certas. Mas a nós? Aos rapazes?

Para tantos, somos os melhores. Ora, não é assim. Nas nossas Casas, bem presente, o bem e o mal. A luta quotidiana para o bem. As mesmas quedas, todos os dias: Ainda há pouco o nosso «Cebolinha» (hábitos antigos) saltou o muro e foi ao supermercado roubar chocolates. O «Periquito», laranjas nos quintais. O Félix entrou na Prisão-Escola de Leiria. O José Maria — que tanto trabalho deu a Pai Américo! — foi preso em Cinfães. Estamos dando uma ajuda à mulher e aos filhos. Sempre a nossa pobre natureza humana! O Senhor não esqueceu a recomendação de visitarmos os presos.

Há dias telefonou-nos uma senhora muito triste e nervosa porque lhe tinham dito que um nosso rapaz tinha feito uma coisa feia.

— Minha senhora! Os nossos

muros, só por si, não santificam. O pequeno vivia com a mãe num quatinho que é cozinha, sala-de-jantar e «ganha-pão»...

Que o Senhor nos perdoe a tentação de lhe perguntarmos quantas assoalhadas tinha a sua casa.

□ Revolução só o é, verdadeiramente, quando atinge as profundezas e dos escombros de nossas coisas velhas nasce uma ordem nova. Revolução interior, claro, que leva à conversão.

Ordem nova. Vestido novo. Uma nova mentalidade com fundamento no «Amor a Deus sobre todas as coisas e ao Próximo como a nós mesmos» — que é também o seu objectivo.

Os nascidos desta revolução não devem nem podem (sem se traírem) pensar somente em si próprios. Os primitivos cristãos são exemplo. «Vede como eles se amam!», diziam os pagãos.

E hoje, que fermento nós somos nesta massa informe e desordenada das nossas sociedades de consumo? Somos comunidade viva? Seremos, quando tivermos coragem de colocar Deus em primeiro. Acima de nós, do nosso jardim, casa, carro e negócios. E todos os outros, no mesmo plano.

Um vestido novo nas nossas comunidades paroquiais; nas festas e romarias dos santos; no tratamento a sério dos Pobres e no respeito amigo para com todos os que não pensam como nós.

Somente encontraremos este vestido belo na Arca do Evangelho.

□ É oportuno, aqui e agora, falarmos também na imensa multidão de cristãos que, verdadeiramente, amam o seu Deus e o Próximo.

Somos testemunhas, na campanha para assinaturas do nosso jornal O GAIATO, de como muitos abrem o seu coração ao amor e se desprendem dos bens.

Cont. na 4.ª pág.

EDUCAÇÃO E PROBLEMAS SOCIAIS

O tipo de educação pretendido por António Sérgio para o homem português e a ministrar pela Escola em Portugal, como o temos vindo a reflectir do seu livro «Educação Cívica», já os leitores terão reparado que coincide nas suas grandes linhas com o pensamento pedagógico de Pai Américo e encontra nas Casas do Gaiato o único ensaio determinado e duradouro de realização. «Nós somos uma palavra nova», disse-o Pai Américo, convicto, sem jactância, com a simplicidade gêmea da sua fidelidade à intuição que Deus lhe dera. Sérgio, como Faria de Vasconcelos, sonhou uma Escola Nova à qual não logrou converter a Escola velha que temos. Faria de Vasconcelos sim, na Bélgica, na Suíça, em países da América Latina, mas também não na sua Pátria.

Não sei se Sérgio conheceu a Obra da Rua. Talvez que o contexto sócio-político que nos foi contemporâneo; talvez mesmo preconceitos de índole religiosa, não sei... — lhe não tenham propiciado o conhecimento. Verdade é que nunca nos encontramos; e tenho pena! Nós teríamos, certamente, lucrado

da sua maturidade de pensador. Ele teria, porventura, experimentado a alegria de ver em vida formas que o seu pensamento acolheu com entusiasmo e explicitou com perseverança nestas e em muitas outras páginas em que se ocupou.

Não vou aqui descrever a organização dos «Municípios Escolares» tal como Sérgio aprendeu das experiências estrangeiras em que se apoiou. Quero apenas sublinhar a identidade de princípios, sobretudo este que eu poria à cabeça e que traduzo ao pé da letra da sua citação: «Os melhores resultados obtêm-se ao longo das linhas mais simples»; e que Pai Américo disse assim: «Todo o regresso a Nazaré é progresso social cristão».

Que outra sociedade mais elementar e por isso mesmo mais universal em potencialidades do que a Família? Aonde um padrão mais perfeito em que se inspire uma organização social viva?

Pois não é fazer de todos os homens a grande Família Humana o escopo dos sociólogos, por sobre a diversidade de na-

Cont. na 3.ª pág.

AQUI LISBOA!

«O GAIATO, à laia de brincadeira, traz a Mensagem divina que os galileus ouviram em primeira mão. Quem não semear aqui, desperdiça.» (Pai Américo)

Passou o XII «Dia Mundial das Comunicações Sociais», tendo a Igreja Católica proposto como tema específico «Meios de comunicação social para uma formação cristã da juventude». Várias manifestações, de índole diversa e a todos os níveis, assinalaram a efeméride.

Perdoe-nos o desaforo, também aqui, em Casa, à hora da Missa, falámos d'O GAIATO — e por ele pedimos. Se as

águas do mar são formadas por gotas, também O GAIATO, por mais pequenina que seja considerada a expressão, não obstante os seus 55.000 exemplares quinzenais, se pode considerar, de direito, uma delas, no vasto oceano da Comunicação social.

Pobre e humilde, sem pretensões de qualquer espécie, pode, no entanto, O GAIATO reivindicar para si a qualidade de mensageiro da Verdade e do Bem, «que os galileus ouviram em primeira mão». Preocupado com a felicidade actual e eterna dos homens, procura levar a toda a parte essa preocupação; frontal e decidido nas denúncias,

distinguindo as pessoas dos actos praticados, pretende ser fraterno e congregante; oferecendo pistas sérias e concretas daquilo que se deve fazer, fazendo, não se fica em meras teorias ou tiradas demagógicas. Assim, «à laia de brincadeira, traz a Mensagem divina».

Parece-nos, outrossim, que O GAIATO é um órgão jovem, apostando no futuro, de maneira renovada. Os problemas que levanta e as preocupações que gera nos corações e nas inteligências são disso sinal inequívoco. «Desordeiro pacífico» po-

Cont. da 4.ª pág.

PELAS CASAS DO GALATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

Seja pelo desemprego ou por motivos doutra ordem, inclusivé a proximidade do Grande Porto, sentimos o problema das migrações internas e o corolário de miséria subjacente.

No contraforte dum monte, que, para além da sua beleza natural, seive de apoio aos agricultores — matos, lenha, água de rega e de consumo — há uma família que para aqui veio, d'algueres, fabricar uma territa, uns campitos, e ocupar a respectiva moredia.

O cabeça de casal é um trabalhador indiferenciado, jornaleiro. Tem uma prole numerosa, «uma data de filhos pequeninos!» — exclama o vicentino. A miséria em que vivem impressionou-o logo à primeira vista: — *Eu já não via uma coisa assim há muito tempo! Os cachapos todos sujos...*

Continua a descrição, marcada por tintas fortes:

— *O homem lá vai trabalhando, quando pode. O que mais me tocou: a mulher cozinhar o almoço sem adubo, sem nada! Só batatas e água. Mais nada! E é porque as têm no campo, à lado da casa...*

Nós conhecemos Pobres que fazem milagres, no meio das suas carências. Todavia, aqui e ali, é vulgar encontrarmos pobreza absoluta, seja por fraqueza do pai ou por falta de preparação da mãe.

Esta não pode ter dinheiro na mão... Pois fornecemos géneros alimentícios para os filhos não morrerem de fome. Tudo o que é preciso.

Noutro lado, ainda não há muito tempo que, para além do interramento do chefe de família, com doença grave, houve que proceder da mesma maneira: só géneros alimentícios, e tudo o mais, adquiridos pelo vicentino. Assim, procuramos evitar que as mazelas da sociedade de consumo se aninhem e provoquem maiores estragos.

Há outros casos, porém, onde impera a doença — mau grado as baixíssimas pensões ou subsídios da Segurança Social — cujas famílias lutam estoicamente por um lugar ao sol — mas não conseguem sobreviver dignamente. Procuramos suprir na medida do possível — com a máxima discreção.

Topámos, agora, um caso que nos arripiou!: O homem foi carreirão. Adoeceu com tuberculose... Recebe cerca de uma dúzia de contos da Segurança Social: pensão de doença, abonos de família. Mas não chega a nada! Tem sete filhos, dos quatro meses aos doze anos. Estômagos devoradores!

O doente sofre, também, duma úlcera no estômago. E a mãe — qual mulher heróica! — é a trave mestra.

— *Não aganto... com a minha vida! Tem de botar a mão à nossa miséria...! Olhem q'inda agora fui do merceiro com um conto de réis e não trouxe quase nada prós meus; quase nada!*

Ela faz das tripas coração para man-

ter o barco! E, vá lá, está já motivada para dias mais negros: que o pobre homem jamais poderá voltar a ser carreirão...

Particularmente na década de 50 — com o lançamento do Património dos Pobres — Pai Américo rejubilava quando os problemas dos Pobres subiam aos grandes aréopagos e/ou quando os maiores desciam, humildemente, aos arraiais da Miséria.

Nesse aspecto, jamais deixava passar em branco um ou outro facto importante, sublinhando-os à sua maneira — com o seu espírito carismático — do ponto de vista doutrinal.

Hoje, que diria Pai Américo da *intelligensia* portuguesa se reunir em

Paço de Sousa

OBRAS — As obras no nosso balneário agora estão prestes a terminar. A nova caldeira, aquecida a lenha, já foi colocada, assim como o depósito da água. Centenas de contos.

Dentro das cabinas colocaram os chuveiros e estão a pintar o edifício por dentro e por fora.

Dentro de um mês o nosso balneário começará a funcionar inteiramente.

VISITANTES — Continuamos a receber visitantes do Norte do País, sobretudo excursões de vários estabelecimentos de Ensino.

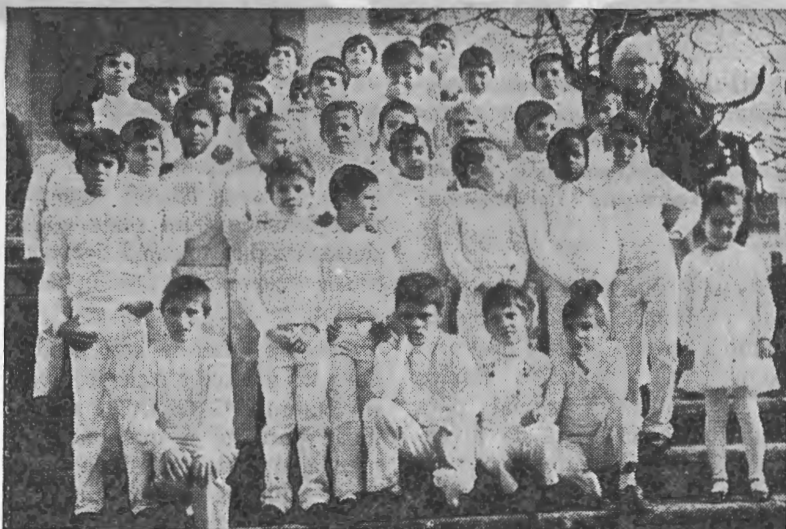
FUTEBOL — No dia 2 de Junho realizámos um jogo treino com uma equipa vizinha, de Bairros, que serviu para rodar os elementos da equipa A e alguns da equipa B.

Um jogo agradável de seguir, sem incidentes. Ganhámos por 2-0.

PASSEIOS — Os miúdos da nossa Escola Primária foram, em passeio, no dia 28 de Maio, a Aveiro, Espinho e à Fábrica Nestlé. Também alguns dos nossos estudantes nocturnos, da Escola Secundária de Penafiel, visitaram o Museu de Santa Joana em Aveiro, Museu Militar, no Buçaco, e no Caramulo assistiram a uma exposição de carros antigos.

A Direcção da Escola Secundária de Penafiel pagou todas as despesas. Agradecemos a atenção que tiveram connosco.

Ludgero Paulo



Um grupo, da Casa do Galato Paço de Sousa, fez recentemente a primeira Comunhão com muita alegria interior e exterior.

colóquio de circunstância na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, tendo por agenda o tema: «Pobreza — perspectivas de análise pluridisciplinar», com a intervenção de sociólogos, professores, eclesiásticos, procurando descer, cientificamente, ao País real — aos Pobres. Lição magistral que a Universidade pode e deve dar ao Mundo, especialmente aos seus mais seus — em proveito do País que somos.

PARTILHA — Assinante 24025, 500\$00. Assinante 31415, do Porto, idem. A mensalidade habitual de «Uma assinante de Paço de Arcos» — com a amizade de sempre. «Uma alentejana» deixa 1.000\$00 e pede «uma oração por alma dos meus queridos mortos». Assinante 13159, do Porto, o dobro. «Avó de Sintra»: «Como recebi um atrasado da minha pensão, julgo ser justo que a família do costume seja também beneficiada, embora com tão pouco». Porto, assinante 13284, 1.000\$00 e carta da esposa — que assina «Incógnita» — expressando que o donativo se destina «às aflições da vossa Conferência». «Maria de Portugal», também da Invicta, partilha 500\$00 com os Pobres e algo do muito que transborda da sua alma cristã: «No mês do Coração grande — quer ela dizer: do Coração de Jesus — essa parcela do meu coração pequeno». Assinante 25964 — de Paço de Arcos — não esquece os Pobres em horas de aflição! Votos de boas melhoras. Pela mão do nosso Padre Luiz — da Casa do Galato de Lisboa — 3.000\$00 de Maria Fernanda e o mesmo de Nômia. Assinante 31104 abre-se em generosidade com duas ofertas numa semana! O Senhor, nosso Deus, bate à nossa alma, ao nosso coração, de muitas e variadas formas — mesmo em sinal de contradição! Que felizes nós somos quando O escutamos!

A esposa do assinante 4217, da Parede, com remanescente de contos do livro A PORTA ABERTA. Assinante 27385 — «Uma lisboeta» — também faz contas e deixa o resto para a Conferência, solicitando «apenas uma alusão n' O GALATO para ficar tranquilas». Rosalina, da Póvoa de Varzim, um vale de correio de 1.000\$00, expressamente dirigido à Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, «em acção de graças por tantos benefícios passados, presentes e futuros».

Por fim, 3.000\$00 de uma senhora que nos visitou — para a Cancerosa. Pedras Rubras, 1.000\$00, idem, «sufragando a alma de uma pessoa querida». E outros 1.000\$00 da assinante 616, de Lisboa, também para a Cancerosa. Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

FESTAS no Centro do País

N. da R. — Cinco cronistas tomaram a iniciativa de fazer o seu próprio balanço das Festas realizadas pela Casa do Galato de Miranda do Corvo na região Centro do País!

Se o espaço permitisse, seria interessante publicar tudo de todos. Mas, sem diminuirmos o secundário, vamos procurar acentuar o principal.

Ora leiam:

Já acabaram as nossas Festas — convívio de alegria, paz e amor. Percorremos quase todo o Centro do País, num total de dezasseis actuações em catorze localidades: Miranda do Corvo, Coimbra (tarde e noite), Tomar, Figueira da Foz, Leiria, Fundão, Covilhã (tarde e noite), Castelo Branco, Mira, Arganil, Anadia, Cantanhede, Lousã e Mealhada. Isto ocupou-nos os fins-de-semana e um ou outro dia da semana, nos meses de Abril, Maio e Junho.

Fazendo um rescaldo final podemos defini-lo como o reexperimentar de emoções que sempre nos alegram. Fizemos tudo com alegria, embora com uma certa relutância por deixarmos a nossa vida diária, da qual não podemos estar totalmente desligados sem nos preocuparmos.

Gostámos de estar convosco. Agora, é tempo de «descansar» (para os estudantes é a época dos exames...). Mas há sempre um «até prò ano!» Que assim seja... Que Deus nos dê a força, a coragem para aguentarmos, e que prò ano digamos sim — embora relutantes a deixarmos os nossos afazeres, a nossa vida diária. Pois então que seja até prò ano, se Deus quiser. Obrigado.

Chiquito-Zé

Sentimo-nos muito felizes com a aderência de grandes massas de jovens às nossas Festas — um grande incentivo para nós.

Refiro-me particularmente a Anadia, em que aquele escalão etário dominou a nossa assistência habitual, e também muito afecto da juventude da Lousã, especialmente do Corpo de Esportistas daquela localidade, que tudo fez para que nada nos faltasse; a sala esteve superlotada, tendo ficado muita gente de pé.

Aproveite para felicitar o Sporting Clube da Covilhã que também de há um tempo para cá não falta com a oferta do jantar na sua sede, no dia da Festa, e que este ano festeja o seu aniversário com a subida ao escalão maior do nosso futebol.

É realmente difícil, senão impossível,

descrever todo o carinho e afecto com que nos receberam em todas as terras por onde passámos!

Resta-nos, apenas, agradecer a todas as pessoas com um muito obrigado.

João Paulo

No fim das primeiras Festas surgiam quase sempre as críticas: de como tinha decorrido o espectáculo, por vezes as opiniões dos Amigos e dos Rapazes mais velhos. Chegamos a Casa, o sr. Padre Horácio reunia connosco e procurávamos os erros cometidos para fazermos as modificações necessárias. Assim, as Festas foram sucedendo com melhores resultados.

No palco, minutos antes da Festa, era contada a piada de algum engano cometido pelos rapazes em anos anteriores, pondo assim a rapaziada bem disposta. Dados os sinais do começo, os rapazes esforçavam-se por dar tudo por tudo. Aconteceu começarmos um pouco mais tarde, mas valeu a pena esperar: abriam-se os panos — e a sala repleta!

A senhora professora encarregou-se da maquilhagem dos rapazes, dando assim mais categoria aos números do programa. Os rapazes, às vezes, preocupavam-se com as suas vestimentas: ou porque elas não apareciam, ou outro as tinha vestido...

Era desta maneira que nos palcos decorria a nossa Festa. Muitas noites perdidas para obtermos os melhores triunfos.

Adelino

A primeira parte da nossa Festa — que abria com um poema do Padre Abel — foi quase sempre reservada a um texto-mensagem tentando exprimir a posição da Obra da Rua no Ano Internacional da Juventude.

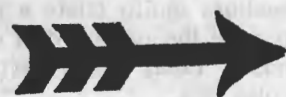
Nesta perspectiva encenámos, ao vivo, «Um dia na Casa do Galato», a Pedagogia de Pai Américo — cuja fotografia sobressaía no palco — que procura «fazer de cada rapaz um Homem», particularmente em relação a nós, os rapazes da rua, dos becos, das vielas..., cujo texto foi extraído do livro «Isto é a Casa do Galato». Um dos nossos companheiros relatava, ao microfone, o dia-a-dia das nossas comunidades, enquanto se projectavam slides. Por fim, apresentámos quadros vivos — o chefe e os rapazes — que deram maior riqueza ao programa.

A verdade é que a Festa — como diz o poema — «não esquece as realidades da vida, nascida da dor, enrolada na certeza de que a cruz é uma constante da vida. Festa de alegria, sobretudo de Esperança num amor maior, onde caiba a sede que mora no coração de todos nós...»

Guido

A segunda parte do nosso espectáculo foi toda ela de alegria e boa disposição. As pessoas gostaram muito de ver os «Batatinhas», pela sua graça e também pelo gosto que as pessoas têm de lhes dar mimos. Eles são a nossa principal atracção! O grupo dos médios e dos grandes também deram a sua colaboração.

A segunda parte foi muito variada: desde os *compères* — «Zé estorola»



e «Cara murcha», o número principal — às canções dos «Batatinhas» e às danças dos médios e dos grandes. Escrevo esta crónica, dirigindo-a mais às pessoas que não puderam ir ver-nos, por qualquer motivo.

«Andorinha»

Alma nova

Cabeça baixa,
Levado pela mão
E lágrimas caindo,
Subias a avenida.
Nas costas,
Ficou a dor
O sofrimento,
A saudade! — laços paternos.
O portão escancarou-se...
A luz irradiou.
Passei e sorri:
Ressurreição!
És alma nova!
Sonhei com o futuro...
Desculpa-me,
Se chorarás:
Quando o suor te cair pelo rosto,
As vozes se elevarem
E terás de ser tu mesmo.
Lá fora,
A rua;
É o silêncio.
Mendigavas de porta em porta,
Inventavas mil desculpas
Em busca de um naco de pão!
Pernoitavas,
Braços cruzados,
Com o estômago apertado
Num canto imundo!
E de sorriso nos lábios
Pensavas no dia seguinte,
Noutro naco,
Rejeitado por afrontamentos!
Hoje!, e d'agora,
Irás usufruir
De casa aseada,
Roupa limpa,
Cama lavada,
Comida fresca;
Tudo!,
Por e para todos:
Ginástica
Parque infantil,
Campo de jogos,
Ocupação dos tempos livres:
Educação!
E choras!,
Ao pisares tudo isto.
Lágrimas transparentes,
Celestes.
O futuro?!
O farás.
O serás!!
Pois somos
«A Porta Aberta!»

Morgado

DIVAGANDO

Foi ao passear pela nossa Aldeia, tendo por companhia um dos nossos, que compreendi o mistério (até então assim por mim considerado) do «milagre» da transformação do «Lixo da rua».

O primeiro passo a ser dado para a salvação do rapaz cheio de vícios é a sua compreensão para o negativo que é manter-se em tal estado. Por isso o gaiato assim chamado encontra-se consigo mesmo. Recorda o drama da sua vida e nele encontra o que é mal. Tendo conhecimento disso facilmente chega à conclusão de que o bem é libertar-se na contraposição daquilo que foi.

O perfeito conhecimento do erro leva-o a fugir desse mesmo erro. Assim, as recordações que tem da sua vida familiar (na casa de seus pais) são factor determinante para a

EDUCAÇÃO E PROBLEMAS SOCIAIS

Cont da 1.ª pág.

ções, de raças, de culturas? A Família sã, é evidente! E se a Família sã é santa, é Santa por excelência — então Ela é o Padrão! Todo o regresso a Ela é progresso!

Pois se a dimensão cristã, fundamental em Pai Américo, não aparece explícita em Sérgio, não quer isso dizer que esteja ausente, como constato, com inteiro contentamento, do teor evangélico de trechos como este: «A qualidade eminente para o êxito de uma democracia é a benevolência, a fraternidade, concisamente expressa

pela máxima: «Faze aos outros o que desejarias que te fizessem». Escreveu Elihu Root razoabilíssimamente que «o amor da Pátria, a emoção ante os símbolos da Pátria são ociosos e falsos sentimentos quando não significuem o amor dos compatriotas representados pela bandeira; o verdadeiro amor da Pátria não pode ser uma abstracção: significa o desejo de que cada cidadão prospere; significa uma benevolente consideração pelas suas opiniões, pelas suas ideias, pelos seus interesses e até pelo que julgamos ser os seus preconceitos».

Sérgio, ao eleger esta máxi-

ma — palavra de ordem de Cristo, redacção nova por Ele apresentada do velho preceito moisaico: «Não farás aos outros o que não queres que te façam a ti» — ao elegê-la, dizia, como condição do êxito de uma democracia, afirma implicitamente, que é a democracia a forma mais cristã de organização social, mas só possível pelo amor dos outros «por obras e em verdade», o qual se aprende e exercita no seio da Família e mal vai ao cidadão e à sociedade, se não foi ali a sua primeira escola de civismo.

Que bem faria aos democratas da nossa praça a meditação destas palavras de Sérgio! A Humildade que delas ressuma; o auto-domínio que pressupõe: «uma benevolente consideração pela opinião dos outros, pelas suas ideias, pelos seus interesses e até pelo que julgamos serem os seus preconceitos!»

Na intuição de Pai Américo cabem esta benevolência, esta grandeza de desejos e o saber que eles não têm suporte proporcionado na simples natureza do homem. Por isso se solidarizou com Cristo, o «Filho do Carpinteiro»; e com o poder d'Ele e em Seu Nome se tornou um grande educador de homens; não apenas dos seus Rapazes, mediante processos de self-government; mas também de muitos adultos, infantes na Fé por incoerência da vida, os quais ele chamou à responsabilidade do Evangelho cuja vivência os dotará de uma alta consciência cívica.

Padre Carlos

6.º ENCONTRO ANUAL da Associação da Comunidade O GAIATO 7 de Julho — SETÚBAL

De acordo com os Estatutos da Associação, realizar-se-á no próximo dia 7 de Julho de 1985, o nosso 6.º Encontro anual, pelo que convidamos todos os antigos Gaiatos da Casa de Setúbal, a estarem presentes, acompanhados das esposas e filhos.

Aqueles que têm estado em anteriores Encontros, vimos

pedir que mais uma vez não faltem.

A ti, que talvez nunca cá tenhas vindo, queremos anunciar-te que os Encontros, já efectuados, têm feito renascer vigorosa alegria e grande familiaridade entre todos.

A tua presença dará, pois, a todos nós, uma satisfação que não podes imaginar.

Na região do Porto reside um numeroso grupo e embora compreendamos os problemas decorrentes da distância, muito gostaríamos de vos ter presentes.

Dado que se aproxima o Centenário do nascimento de Pai Américo, data que queremos seja celebrada condignamente, a tua opinião e a tua presença são indispensáveis.

Também, muito nos honraria a presença de representantes das Associações de Lisboa, Miranda do Corvo e Porto, pelo que, desde já, formulamos o nosso convite.

Durante o dia estará patente uma exposição de fotografias antigas, que lembram muitos pedaços da nossa vida.

Não é necessário trazer farnel. No entanto, não se esqueçam de uns bolos para a merenda e tragam o fato de banho para uns mergulhos na piscina. Eis o programa:

8,30h — Concentração no Lar de Setúbal; 9h — Partida da caravana em direcção à nossa Casa, em Algeruz; 10h — Celebração da Eucaristia (Missa); 11,30h — Jogo de futebol-convívio e enquanto decorrer efectuar-se-á a regularização de quotas, assinaturas d'O GAIATO (para o que é necessário o número de assinante), e venda de galhardetes da Associação; 13,30h — Almoço; 15,30h — Reunião da Associação; 17,30h — Merenda com sardinhas; 19h — Despedida.

renúncia do passado e entra assim no verdadeiro caminho.

Quando erra e é castigado, é isto mesmo que se tenta fazer despertar para não voltar a cair.

É no repetir deste passo que lentamente ele vai crescendo e aprendendo a definir-se e a definir as suas atitudes.

Senão vejamos: Se sofres com o teu sofrimento faz por fugir das condições desse mesmo sofrimento. Trabalhas assim para a tua ascensão humana e espiritual.

Quem dera que as nossas Casas não existissem... Contudo, devemos abrir o coração e compreender que foi a Obra da Rua o instrumento da nossa realização. Por isso, cada qual guarda em si o maior apreço, carinho e dedicação pela nossa Obra — pela Obra da Rua.

Por tudo vale bem o tormento da infância para salvaguardar os valores essenciais do homem que se quer ser no futuro.

Embora amarga, o homem saído de nossas Casas tem grande experiência do que é o sofrimento. Tem por isso perfeito conhecimento do que é bom e do que é mal e sabe o que quer, e o que não quer; e, quando um dia se dedicar a alguém, leva marcado no espírito isso mesmo.

Um gaiato é, por si só, o espelho da dedicação de um Homem que tudo deixou para servir a Deus e o seu semelhante. Foi do amor de Pai Américo a Deus que nós nascemos.

«Teria valido a pena mesmo que fosse um só que se salvasse. Mas são tantos... São tantos!»

Júlio Fernandes («Réguas»)

O livro «A PORTA ABERTA» na mão dos Leitores

O nosso Benjamim — tarefeiro do correio — não tem mãos a medir na expedição d'A PORTA ABERTA e doutras obras da nossa Editorial!

As vezes, quando o trabalho é demasiado, abeira-se de nós a pedir ajuda, com um sorriso nos lábios, uma calma impressionante! — **Sózinho, não posso...!** Não diz mais. É um moço de poucas palavras. E como não pode mesmo, lá vai um companheiro ajudante.

Mais para trás, nos serviços de ficheiros, é outra grande empreitada; suavizada, agora, com a presença de dois mais velhos que não têm mãos a medir no avio de montes de correio, de muitos postais RSF (resposta sem franquia) provenientes de todo o mundo onde pulsam corações portugueses.

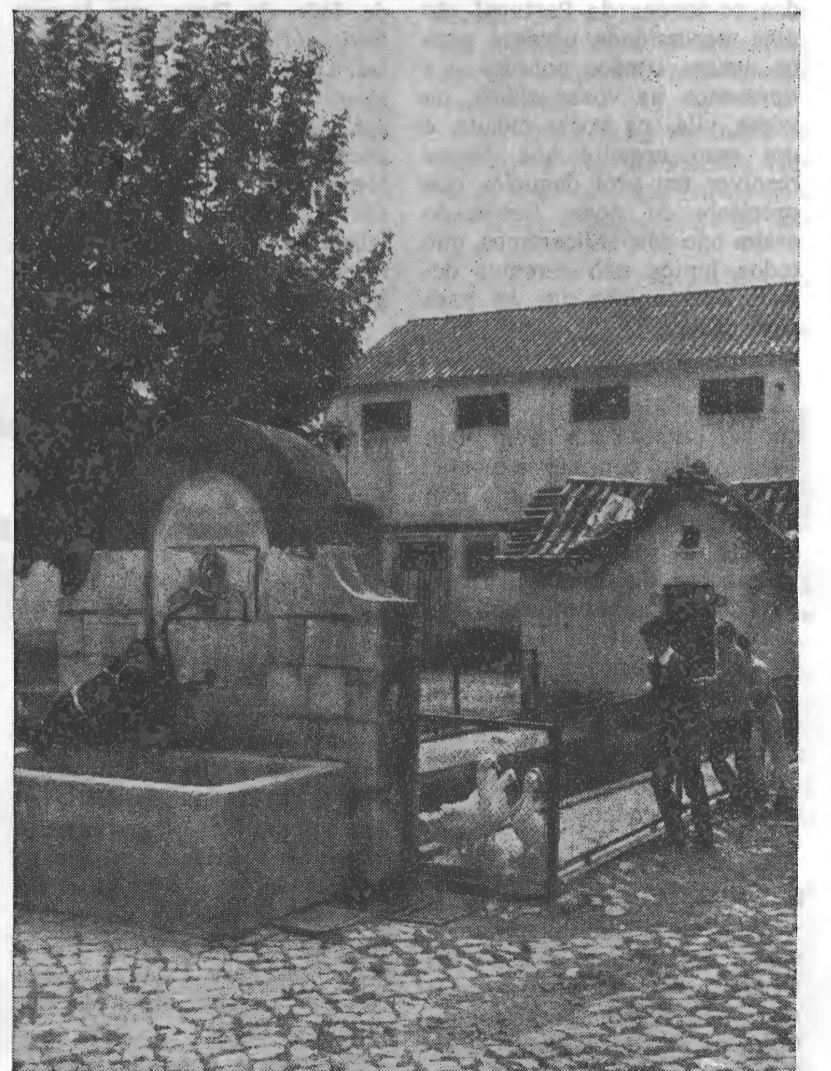
E que dizer dos telefonemas motivados pela PORTA ABERTA e outras obras saídas dos nossos prelos!? São horas deliciosas! Um complemento, digamos, do Fogo que trespassa, nitidamente, em toda a correspondência que chega a nossas mãos.

No meio desta numerosa procissão d'almas radiantes — tão viva, tão cheia! — mais não podemos fazer do que pescar, aqui e ali, uma ou outra presença significativa que defina o sentimento geral.

Assinante 14781:

«Recebi A PORTA ABERTA. Tenho cinco filhos e só à noite,

Cont. na 4.ª pág.



«Outra ideia fundamental do pensamento educativo de Pai Américo: O contacto com a Natureza é alimento da vida natural e sobrenatural.»

Crisanto

Vistas de Dentro

□ Hoje, de manhã, três jovens vieram visitar a nossa Aldeia de Paço de Sousa. Apesar dos afazeres normais da vida de cada dia, podia tê-los acompanhado. Prefiri entregá-los a um cicerone. Mandei chamar o primeiro e veio recado de que estava muito ocupado com um trabalho urgente. «O senhor Padre desculpe, mas não posso ir.» Mandei chamar o segundo, e a resposta foi idêntica. Estranhei e fui saber o que se passava. Entrei no lugar do trabalho deles e estavam, de verdade, agarrados ao ferro de engomar roupa.

— Então?!
— Amanhã é dia de venda d'O GAIATO e temos que deixar a roupa de domingo, dos rapazes, em ordem...

Os três jovens foram comigo e assistiram a tudo isto. À primeira vista, a visita parecia ter começado mal. Mas não aconteceu assim. Podiam ter pensado que na Casa do Gaiato a autoridade não é respeitada. Mas nada disto era verdade. Deram conta, sim, que os rapazes ti-

Aqui, Lisboa!

Cont. da 1.ª pág.

de e deve ser um dos meios ao serviço da «formação cristã da Juventude», para que esta acorde e se possa lançar por inteiro ao serviço dos Irmãos mais carecidos, pois, como Pai Américo aqui escreveu, «a presença, o sacrifício, o amor de todos os jovens de Portugal são uma necessidade urgente para os nossos Irmãos pobres» e a «presença na vossa aldeia, na vossa vila, na vossa cidade, é um caso urgente que deveis resolver em prol daqueles que precisam de nós». Semeando assim não desperdiçaremos, que todos juntos não seremos demais ante aquilo que há para e por fazer.

■ Continuamos a receber inúmeras assinaturas, sinal de que as pessoas nos lêem. Que cada Amigo continui a passar a palavra. O GAIATO não tem preço nem é rejeitado a quem aprecie a sua leitura e não possa, por dificuldades, remeter aquilo que, no momento, se convencionou atribuir como valor de assinatura (250\$00). Agradecemos, como aqui foi expresso, que cada leitor da zona de Lisboa mande para esta Casa, porque economicamente independente, a sua contribuição.

■ Neste Ano Internacional da Juventude não quereríamos deixar de apelar a todas as Organizações de Jovens para que nos visitem. Paróquias, Colégios e todos os que se interessam pela temática da Juventude são bem-vindos.

Padre Luiz

nham razão. Outro poderia desempenhar-se do papel de cicerone sem «prejuízo grave» da obrigação que tinha. Cada dia, em nossa Aldeia, é uma página de um Livro onde se aprende como se é responsável e como se não é.

Estou a lembrar-me do que aconteceu, um dia, a propósito da visita dum ministro do Estado. Fez-se anunciar, dizendo que gostava de visitar e ver a Casa do Gaiato. Foi um dia normal de trabalho. Entrou onde quis. Viu o que queria. E foi-se.

Não viu gente perfilada nem ouviu palmas nem «vivas». Viu o que somos.

Voltando aos três jovens que nos visitaram: O Zé, que tem 9 anos, foi o cicerone. Estava a sair da Escola para o recreio e não se fez rogado. Poderia sacrificar a «obrigação» do recreio pela obrigação de acompanhar os visitantes. Ficou contente. Os três jovens também. Quem nos dera estar sempre no nosso lugar!

□ Estamos em maré de passeios escolares. Um dos

centros de interesse a visitar, para muitas Escolas, são as Casas do Gaiato. As vezes, juntam-se por coincidência centenas de crianças no mesmo dia. Sempre que é possível são acompanhadas com cuidado e não lhes falta a palavra simples e esclarecedora do que nós somos. No geral, ficam admirados pelo que ouvem e vêem. E fazem perguntas e mais perguntas.

Gostamos que nos visitem. Para estas crianças das Escolas — de todos os graus de Ensino — as Casas do Gaiato são «Porta Aberta» para o mundo de crianças que não têm a felicidade de que elas gozam. Faz-lhes bem!

Padre Manuel António

O livro «A PORTA ABERTA» na mão dos Leitores

Cont. da 3.ª pág.

mas no dia seguinte, isto é, depois da meia noite, posso saborear a sua leitura e dela colher os frutos para a educação dos meus rapazes. Faço-o com uma alegria que só nestas descrições simples e cheias do verdadeiro Amor se podem colher. Provém da grande figura do Padre Américo, cujos sucessores continuam a dar um Lar e a serem Pais dos Rapazes da rua.

Por tudo, louvamos o Senhor e pedimos na nossa oração da noite que Ele continui a dar-vos forças para «fazerem de cada rapaz um Homem».

Assinante 29406:

«O maravilhoso livro A PORTA ABERTA sugeriu-me, tal como a cartilha maternal de João de Deus, que fossem obrigatórios em todas as Escolas. Lidos, também, obrigatoriamente, por todos os educadores, professores e, muito especialmente, por aqueles «reformadores carrascos» de certos estabelecimentos, onde há, talvez, mais ordem, mais apuro, mais disciplina; mas a alegria de viver, de ser livre!»

Onde a felicidade do pãozinho a horas certas, ganho honestamente!

Até os adoráveis «Batatinhas» aprendem alegremente — nas

Atenção

Quando o Leitor enviar importâncias para a assinatura d'O GAIATO ou da Editorial não se esqueça de recortar e mandar o seu nome e o número de assinante que vão no endereço do jornal ou na embalagem dos livros — preciosos elementos para localizarmos a respectiva ficha, ordenada por ordem alfabética.

Perdoem a nossa insistência — que tem surtido efeito para a maioria.

Obrigado!

Casas do Gaiato — a ganhar o direito às suas papinhas e leitinho!

Quanta Beleza nas páginas d'A PORTA ABERTA! «Muito gosto eu de pôr flores na mesa!» — afirma o Padre Américo. Flores são todas as páginas deste livro. Como eu gosto destas «flores» na minha mesa de cabeceira!

Assinante 35000:

«Quando principi a ler A PORTA ABERTA fiquei tão entusiasmado que não resisti à vontade de ler só mais uma página e mais outra e mais outra... Em três dias (só nas horas livres) li a obra toda! Mas hei-de lê-lo mais vezes, pois tem muito para me dar.

É uma obra que todos os pais, assim como os jovens — principalmente os que andam em «maus caminhos» — deviam ler.

Peço a Deus por vós. E peço-vos, também, que rezem por mim para que sejamos capazes de levar a nossa cruz. A minha, cada dia se torna mais difícil de transportar! Mas tenho esperança no dia de amanhã. Presentemente, a vida com os meus filhos, principalmente um com 18 anos que a minha falecida cá me deixou neste mundo, está a tornar-se insuportável...!»

Até aqui, uma faceta da proclamação.

Temos outra, não menos importante: todos aqueles que, de coração em braço, com as mesmas explosões de sobrenatural — diria Pai Américo — não resistem a difundir A PORTA ABERTA no seio das famílias, das escolas, entre pais, professores e encarregados de educação.

Lisboa:

«Acabo de receber A PORTA ABERTA. Considero uma publicação extraordinária e peço me enviem 25 exemplares para oferecer aos meus 25 melhores amigos. Conheço a Obra da Rua há muitos anos... Peço transmitam a minha admiração à Autora do livro: Dr.ª Maria Palmira Duarte.»

Assinante 23353:

«Agradeço, do coração, A PORTA ABERTA.»

É um livro demasiado maravilhoso para — pobre de mim! — me pronunciar sobre o seu valor. Peço que me enviem mais três exemplares que desejo oferecer a pessoas amigas.»

Ermesinde:

«Envio um cheque para os seis exemplares do livro A PORTA ABERTA. Não faço idela se a quantia chegará ou não, pois os livros agora estão muito caros...»

Há mais pessoas minhas amigas que gostariam de adquirir a obra, mas querem saber quanto custa...»

Apesar de não sermos «solícitos em pôr a preço as edições que saem dos nossos prelos» — deixamos «tudo à generosidade espontânea de cada um», segundo o espírito de Pai Américo — cresce, no entanto, o número de Amigos, escrupulosos, que nos obrigam — é o termo — a esclarecer que um exemplar d'A PORTA ABERTA importa em 250\$00.

Por fim, transcrevemos mais um pequeno naco da Introdução do volume, escrito pela sua Autora:

«Somos A PORTA ABERTA... este livro tem uma história... Nasceu, como já disse, de um contraste, dolorosamente evidenciado depois de uma visita a um asilo de onde saí muito impressionada com o ar triste, «em série», dos pequenitos que lá encontrei: uniformes, enormes camaratas, silêncio nos refeitórios, desocupação... tudo concorria para que essas crianças fossem mais tristes, mais «em série», estivessem mais despersonalizadas do que as crianças de muitos outros asilos por mim visitados anteriormente.

Notas da Quinzena

Cont. da 1.ª pág.

«É o meu supérfluo. Não me pertence.» Pasmamos comovidos e como que somos arrastados pela avalanche destas almas boas! Temos plena consciência de que não somos nós o «selo branco da Obra do Padre Américo», mas ele se mostra vivo e certo nesta correspondência misteriosa de tantas almas generosas e tementes a Deus. Somos a praia-testemunha onde as ondas batem.

Nos três últimos domingos fomos testemunha da Obra da Rua em Viana do Castelo, Loredelo (Guimarães) e Lousada. Mais seiscentas famílias que ficaram assinantes do nosso «Famoso»! Comoveu-nos a comunhão fraterna, o desejo de ajudar, de nos conhecerem melhor e a alegria no dar. Cada gesto, um desejo de fazer o bem. Quando um de nós diz aos outros que o Senhor é e vive, é uma semente que se lança e não há vento que a leve. Assim as palavras do «Famoso»: «Ficam. São semente.»

Mais que todas as riquezas materiais (tão passageiras!) vale o amor fraterno entre os homens. Imensamente mais!

Foi o testamento do Senhor: «Amal-vos uns aos outros.»

Padre Telmo

Nesse dia de 1953 comecei este livro. Reli todos os jornais O GAIATO e fui anotando os episódios, os princípios doutrinários, as orientações do Padre Américo que melhor evidenciassem a sua pedagogia, o mesmo é dizer, a sua resposta aos problemas da criança abandonada. Mais uma vez essa leitura me deixou deslumbrada com a graça das descrições, com a sensibilidade perante o sofrimento dos Outros, com a simplicidade e profundidade dos conceitos, com a riqueza de expressão afectiva, com a sabedoria dos métodos utilizados.

Como transmitir toda essa pujança de vida sem a trair? Como libertar-me do sentimento muito vivo de estar a estragar e a macular a luminosa forma de expressão do Padre Américo sempre que misturava as minhas frases com as suas?

— Escrevendo um livro em que tudo fosse dele: o título, o nome dos capítulos, os textos; e em que meus só fossem os critérios de selecção, a compilação e ordenação desses mesmos textos.»

Júlio Mendes



Director: Padre Telmo Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administ.: Casa do Gaiato - PAÇO DE SOUSA - 4560 Penafiel - Tel. 952285
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato - Paço de Sousa - 4560 Penafiel